



<https://periodicos.ufop.br/virtualia-journal>

Editor responsável: Prof. Dr. Rodrigo Cid

Akira: hibridismo do humano e o retorno do ciborgue

Luan Henrique Menezes Maciel

<https://orcid.org/0000-0002-0531-0847>

<https://lattes.cnpq.br/4977320997735350>

henrique.luan0206@gmail.com

André Augusto Trindade Arrais

<https://orcid.org/0009-0005-4288-4881>

<https://lattes.cnpq.br/9797055949650382>

andrearrais29@gmail.com

Resumo: Este ensaio analisa a obra japonesa Akira como expressão simbólica do hibridismo humano-máquina e da crise do humanismo moderno. A partir do devir-ciborgue de Tetsuo Shima, investiga-se a dissolução das fronteiras entre o orgânico e o tecnológico, mobilizando conceitos desenvolvidos por Donna Haraway, Bruno Latour, Gilles Deleuze e Félix Guattari, Louis Althusser, Nick Land e Mark Fisher. Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem teórico-conceitual de caráter analítico, examinando a obra como um dispositivo crítico capaz de evidenciar transformações ontológicas e políticas do sujeito na modernidade tardia. O estudo demonstra como a figura do ciborgue desestabiliza dicotomias fundamentais – humano/não humano, natureza/cultura e técnica/corpo – operando como metáfora das dinâmicas de aceleração capitalista e dos processos de desterritorialização pós-humanos. Conclui-se que Akira sugere uma reconfiguração do humano a partir da falência do projeto moderno e da emergência de novas formas híbridas de subjetividade e sensibilidade coletiva.

Palavras-chave: Ciborgue; Pós-humanismo; Cyberpunk; Aceleração.

Abstract: This essay analyzes the Japanese work Akira as a symbolic expression of human-machine hybridity and of the crisis of modern humanism. Through the

.....

cyborg becoming (devenir-cyborg) of Tetsuo Shima, it investigates the dissolution of the boundaries between the organic and the technological, mobilizing concepts developed by Donna Haraway, Bruno Latour, Gilles Deleuze and Félix Guattari, Louis Althusser, Nick Land, and Mark Fisher. Methodologically, the research adopts an analytical theoretical-conceptual approach, examining the work as a critical device capable of revealing ontological and political transformations of the subject in late modernity. The study demonstrates how the figure of the cyborg destabilizes fundamental dichotomies-human/nonhuman, nature/culture, and technology/body-operating as a metaphor for the dynamics of capitalist acceleration and for posthuman processes of deterritorialization. It concludes that Akira suggests a reconfiguration of the human grounded in the failure of the modern project and in the emergence of new hybrid forms of subjectivity and collective sensibility.

Keywords: Cyborg; Posthumanism; Cyberpunk; Acceleration.

CRedit-IA Positiva: Declaro que o uso de ferramentas de Inteligência Artificial foi estritamente instrumental e que assumo a responsabilidade humana integral pelo conteúdo do artigo.
Ferramenta de IA utilizada: ChatGPT
Versão / modelo: GPT-5.3
Finalidade do uso: Revisão linguística/gramatical e organização ou reestruturação textual.
Tipo de uso: Apoio linguístico e apoio organizacional.
Limites do uso: Todas as ideias mobilizadas ao longo do trabalho são de autoria exclusiva dos autores deste trabalho, bem como todo o processo de escrita (com exceção da revisão gramatical e ortográfica, realizada pelo ChatGPT por fins de praticidade).

[Veja o modelo completo de Declaração CRedit-IA, criado pelo Virtualia Journal.](#)

.....

Introdução

A ficção científica japonesa do final do século XX desenvolveu narrativas voltadas às relações entre tecnologia, corpo e transformação social. Entre essas obras, *Akira*, de Katsuhiro Otomo, articula estética *cyberpunk*¹, memória histórica do pós-guerra japonês e discussões filosóficas sobre a crise do humanismo moderno. Publicado originalmente em mangá entre 1982 e 1990 e adaptado para o cinema em 1988, *Akira* apresenta uma narrativa situada em Neo-Tóquio após a destruição provocada por uma guerra de escala global. O cenário reúne conflitos políticos, experimentos científicos e alterações radicais do corpo humano. Nesse sentido, a narrativa coloca em questão divisões que organizaram o pensamento moderno entre humano e máquina, natureza e técnica, orgânico e artificial. A transformação progressiva de Tetsuo Shima expõe um processo de hibridização que tensiona essas divisões e aponta para formas de subjetividade ligadas ao desenvolvimento tecnocientífico contemporâneo.

Este ensaio examina a obra como representação dessa hibridização entre humano e máquina e como expressão da crise das categorias humanistas que sustentaram a centralidade do sujeito moderno. A análise mobiliza contribuições da filosofia da tecnologia, da teoria crítica e do pensamento pós-humano, em diálogo com Donna Haraway, Bruno Latour, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Louis Althusser, Nick Land e Mark Fisher. A trajetória de Tetsuo Shima é tomada como ponto de

¹ Termo inicialmente popularizado por Gardner Dozois (1984), em uma matéria publicada no jornal Washington Post, no mesmo ano de lançamento do livro mais emblemático do subgênero *cyberpunk*: *Neuromancer* (1984), de William Gibson. O *cyberpunk*, por sua vez, tem como característica marcante e indissociável diversos elementos relacionados aos avanços tecnológicos sob o pano de fundo de um futuro distópico onde o governo é controlado por megacorporações: com personagens, em sua maior parte, híbridos de carne e máquina (ciborgues), alta tecnologia e militarização opressora bastante marcada, sempre em parceria ou à serviço dessas megacorporações tecnofascista (Costa, 2021, p. 28).

.....

.....

observação para discutir transformações ontológicas e políticas que atravessam o sujeito na contemporaneidade.

A abordagem adotada é teórico-conceitual. A obra é analisada como artefato cultural que permite observar mudanças nas formas de organização da técnica, do poder e da subjetividade. Nesse quadro, *Akira* apresenta um campo narrativo no qual se tornam visíveis processos de desterritorialização do humano e a emergência de formas híbridas de existência que deslocam o modelo antropocêntrico herdado da modernidade. A análise proposta neste ensaio parte de uma questão fundamental: De que maneira a transformação de Tetsuo permite discutir a dissolução das fronteiras que sustentaram a centralidade do humano na modernidade? A leitura apresentada considera que a narrativa construída por Katsuhiro Otomo expõe processos nos quais corpo, técnica e poder se entrelaçam. Tetsuo aparece como efeito de forças tecnológicas, militares e científicas que atravessam sua existência. A obra oferece um campo narrativo no qual se observam deslocamentos ontológicos associados ao desenvolvimento tecnocientífico contemporâneo.

O texto desenvolve três movimentos analíticos. A primeira seção examina o contexto histórico e cultural ligado à produção de *Akira*. A segunda seção analisa a trajetória de Tetsuo a partir da hibridização entre corpo humano e técnica em diálogo com debates da filosofia da tecnologia e da teoria social. A seção final retoma a figura do ciborgue em confronto entre interpretações teóricas distintas, colocando em diálogo a formulação de Donna Haraway com leituras associadas à dinâmica maquínica discutida por Nick Land. Esse contraste permite examinar modos diferentes de compreender a transformação de Tetsuo e as formas de subjetividade que emergem na narrativa.

.....

1. Neo-Tóquio, trauma histórico e experimentação biopolítica: calibrando o devir-ciborgue.

Algo pareceu estranho no segundo em que vi seu rosto. É estranho. Ele estava vestindo o que parecia ser uma bata branca de hospital. Ele agia como uma pessoa diferente. Yamagata perguntou se ele era realmente Tetsuo ou se era outra pessoa (Akira, 1991).

A maquinaria moderna é um deus irreverente e ascendente, arremedando a ubiquidade e a espiritualidade do Pai (Haraway, 2009, p. 43).

A obra japonesa *Akira*, publicada em mangá no ano de 1982 a 1990, e lançada como filme em 1988, é ambientada em um futuro distópico *cyberpunk* onde, após a ocorrência de uma Terceira Guerra Mundial com a culminância da destruição de Tóquio por meio de uma nova ogiva nuclear, nos conduz a acompanhar Tetsuo Shima, um delinquente juvenil parte de uma gangue liderada por Shotaro Kaneda que, após ter um encontro desastroso com Takeshi, uma criança com habilidades especiais (*espers*), é levado pelo exército encabeçado pelo Coronel Shikishima, dando início a tentativa de resgate de Kaneda pelo amigo de infância capturado, ao mesmo tempo que Tetsuo perpassa pela obra tentando lidar com as novas capacidades e as consequências disso.

Com isto dado, neste cenário pós-apocalíptico, reerguendo-se das ruínas de uma (Neo-) Tóquio vivendo a à margem de uma sociedade instável, violenta e repressiva, eles enfrentam os desafios de um mundo em reconstrução, ainda abalado pelas consequências de uma guerra desencadeada pela chegada de Akira, catalisada pela explosão. Entretanto, todo o universo ambientado pela obra não se limita apenas

.....

.....

a uma construção imaginativa de seu autor, Katsuhiro Otomo, descolada da realidade. Conforme Klinsmann Elias da Costa (2021) aponta em sua dissertação dedicada a analisar a obra sob a lente da semiótica da biopolítica que permeia o universo de *Akira*, o mangá é escrito em meio ao *zeitgeist* nipônico oitocentista, quando o mundo “começa a viver dilemas levantados por atentados terroristas, crises de energia e o contínuo conflito da guerra fria” (Costa, 2021, p. 31), além de dialogar diretamente com a intervenção dos EUA, ocorrida 37 anos antes de seu lançamento – contexto marcado pela ocupação militar norte-americana no Japão após o fim da Segunda Guerra Mundial, pela imposição de reformas políticas e institucionais e pela reorganização do Estado japonês sob forte influência estadunidense –, também mobilizando o sentimento forte de reestruturação pós-guerra que pairava pelos estratos da sociedade japonesa maculada pelo trauma da bomba atômica.

Nesse sentido, a história de *Akira* se desenvolve em uma Tóquio pós-incidente nuclear, período marcado por uma sociedade profundamente traumatizada pela guerra, no qual emergem novas formações e configurações sociais resultantes da desigualdade econômica e da desestruturação sociopolítica típica de sistemas capitalistas (Costa, 2021, p. 31), instaurada após o incidente atômico que posteriormente recebeu o nome de Akira. Costa também observa que “os escritores, afetados pelas consequências dos eventos traumáticos, encontraram na produção dos mangás e dos animes uma válvula de escape cultural” (Costa, 2021, p. 31). Por essa via, “os produtos serviam de objeto crítico para se pensar a guerra e seus efeitos, a sociedade moderna e o capitalismo” (Costa, 2021, p. 31).

Katsuhiro Otomo nos conduz inicialmente através de um enredo centrado em dois adolescentes de uma gangue de motociclistas, sendo eles Shotaro Kaneda, o líder da gangue, e seu melhor amigo e antagonista da obra, Tetsuo Shima. A trama se

.....

.....

intensifica a partir do encontro de Tetsuo durante uma colisão com uma criança *esper* em fuga. Durante a perseguição, Tetsuo colide sua moto com a criança. Logo após esse evento, Tetsuo é sequestrado pelas forças paramilitares de Neo-Tóquio e submetido a estudos, exames e experiências genéticas invasivas, como um verdadeiro rato de laboratório. Os militares acreditam que, após o contato, ele teria sofrido alterações e adquirido poderes semelhantes aos dos *espers*. Aos poucos, revela-se que a catástrofe ocorrida no país teria sido provocada por uma das crianças *esper*. Diante disso, ao experienciar o poder que lhe surge quase por acaso, Tetsuo inicia uma nova jornada de experimentação de suas próprias possibilidades híbridas: já não mais apenas humano, mas também não propriamente um *esper* de nascença.

Costa (2021, p. 65) estabelece um paralelo particularmente elucidativo entre a captura de Tetsuo e de outras crianças *espers*, submetidas a experimentos destinados a convertê-las em armas militares, e a história dos experimentos conduzidos em campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial. Tal leitura aproxima a narrativa de Akira de uma crítica mais ampla às práticas científicas e tecnológicas desenvolvidas sob regimes totalitários, como aquelas levadas a cabo pela Alemanha nazista, pelo Japão imperial e por outros países do Eixo, nas quais o avanço técnico esteve intrinsecamente associado à instrumentalização de corpos previamente desumanizados pelo poder estatal. Nesses contextos, indivíduos reduzidos à condição de cobaias tornaram-se suporte material para a produção de saberes e tecnologias, evidenciando a íntima relação entre violência política, experimentação científica e gestão biopolítica da vida.

Sob essa perspectiva, a reflexão de Yuk Hui contribui para ampliar essa análise ao questionar a ideia de que a técnica se desenvolve de maneira neutra ou universal. A partir do conceito de *cosmotécnicas*, o filósofo chinês argumenta que toda tecnologia

.....

.....

se encontra vinculada a uma determinada cosmologia e a um regime histórico de organização do mundo, no qual valores morais, formas de poder e concepções de humanidade se articulam (Hui, 2016). Nessa chave, os experimentos realizados sobre os corpos das crianças *espers* podem ser compreendidos como expressão de uma configuração técnica específica, em que o desenvolvimento tecnológico se articula diretamente à administração e exploração da vida. Em *Akira*, tal dinâmica torna-se visível na forma como o corpo de Tetsuo é progressivamente capturado por um aparato científico-militar que busca transformar suas potencialidades em instrumento de poder – poder este que, ao longo da obra, é reapropriado por ele mesmo e pelos *espers* que, mesmo cativas e instrumentalizadas, os garotos e garotas paranormais demonstram em certos momentos níveis de individualidade que resultam inclusive no ato final do mangá, quando as crianças superam suas condições de ferramentas para assumir a condição de quem controla as ferramentas, que são seus próprios corpos (Costa, 2021, p. 65).

Com um evidente complexo de inferioridade por ser constantemente tratado como o membro mais frágil da gangue, a busca existencial de Tetsuo por sua própria identidade toma um novo rumo após esse choque entre o humano e o ser híbrido, levantando questões acerca da aceleração tecnológica no que tange ao derretimento/dissolução dessas fronteiras binárias que separam o humano da técnica. A linha entre o orgânico e o exógeno se torna cada vez mais tênue, lançando Tetsuo na espiral caótica de um devir experienciado não apenas por ele, mas por todos ao seu redor. Agora como um híbrido, Tetsuo se apropria de sua nova condição com o objetivo de finalmente demonstrar sua força, invertendo as dinâmicas de poder que outrora o subjugaram, por meio de uma certa vantagem/apropriação tecnológica (ainda podemos falar nos termos de evolução?). Envolvido em sua própria expansão

.....

.....

esquizofrênica de potencialidades, antes inimagináveis, Tetsuo quer mais. Tetsuo quer expandir seu poder. *Tetsuo quer Akira*.

Como Costa (2021, p. 32) evidencia,

Nota-se uma trama de disputa política se constituir em torno de Neo Tokyo, envolvendo diversos grupos sociais: políticos tradicionais, um movimento revolucionário organizado e infiltrado no governo, forças militares que diversas vezes agem de forma independente ao governante e uma organização religiosa com monges combatentes.

Pode-se interpretar a obra sob o panorama do hibridismo e da dissolução promovida pela via (hiper-)tecnológica em que a trama se desenvolve, articulando-se a instâncias que abrem horizontes interpretativos diversos: desde o devir de Tetsuo e seu anseio de construir um Corpo sem Órgãos² – entendido como uma tentativa de reconstrução de si – até uma possível leitura aceleracionista, perceptível tanto no ethos de Neo-Tóquio quanto no próprio processo de transformação acelerada do personagem. Contudo, isso não significa que se trate de um processo limpo ou desprovido de fantasmagoria. Tetsuo, imerso em um mundo miserável, no qual a luta política parece retornar continuamente ao seu princípio de conflito, não é mais do que uma peça inserida em um devir histórico do qual ele não é, propriamente, o protagonista. Nesse sentido, portanto, Akira pode ser lido como alegoria da dissolução do humanismo moderno diante de processos tecnocapitalistas de aceleração.

O filósofo marxista francês Louis Althusser (1918–1990) denominou de humanismo a crença de que haveria sujeitos humanos situados por trás dos processos sociais. No entanto, tal crença constitui antes uma projeção ideológica de uma fantasia acerca do humano, obscurecendo o fato de que aquilo que chamamos de

² “O CsO é o que resta quando tudo foi retirado. E o que se retira é justamente o fantasma, o conjunto de significâncias e subjetivações” (Deleuze; Guattari, 2012, p. 10).

.....

“humano” é, na realidade, resultado de determinações concretas (Sampedro, 2023, p. 669). Partindo dessa crítica, Nick Land radicaliza o problema ao articulá-lo a uma perspectiva niilista profundamente marcada pelo fetichismo tecnológico. Em sua formulação aceleracionista, o capitalismo aparece como um processo tecnoeconômico autônomo que progressivamente corrói as categorias centrais do humanismo ocidental, deslocando a agência histórica do humano para dinâmicas maquínicas, técnicas e informacionais que excedem sua capacidade de controle. Tal perspectiva, desenvolvida no contexto intelectual do *Cybernetic Culture Research Unit* (1995–2003)³, coletivo do qual Land foi um dos idealizadores durante seu período como professor de Filosofia Continental na Universidade de Warwick, acabou posteriormente servindo de base para formulações neorreacionárias (NRx). Nesse horizonte teórico, a aceleração tecnológica inerente ao capitalismo aponta para a progressiva obsolescência do humano diante da emergência de formas híbridas de subjetividade, inteligências artificiais e sistemas maquínicos cada vez mais complexos, configurando um cenário no qual o próprio capitalismo parece operar como uma entidade advinda do futuro que anuncia, em última instância, a dissolução da centralidade humana (Land, 2024, tradução por Clarice Pelotas).

Por essa via, a base real desse processo de aceleração – isto é, o fluxo tecnoeconômico – aparece como aquilo que produz os sujeitos, e não o contrário. Em vez de depender da agência humana, para Land, tal dinâmica tende a operar de modo relativamente autônomo, sobretudo quando não há intervenção em seus ruídos (zonas de instabilidade, fricção, ruptura ou desvio), capazes de instaurar algum grau

³ O Cybernetic Culture Research Unit (CCRU) foi um coletivo interdisciplinar de pesquisa teórica vinculado à Universidade de Warwick, no Reino Unido, ativo sobretudo na década de 1990. Reunindo nomes como Nick Land e Sadie Plant, o grupo articulou filosofia continental, teoria da mídia, ficção científica, cibernética e cultura rave, desenvolvendo uma produção experimental marcada por conceitos como “aceleração” e por uma escrita híbrida entre teoria e ficção especulativa.

.....

.....

de estabilização no sistema. Nesse horizonte teórico, desenvolvido por Nick Land, o capitalismo hiper-tecnológico assume um caráter entrópico e passa a ser pensado em analogia com princípios da termodinâmica. Como observa Clarice Pelotas Rios, “entropia é o conceito da termodinâmica que mede o grau de desordem de um sistema físico: nomadismo, caos, aquilo que foge à homeostase” (Pelotas Rios, 2025, p. 651). Em sistemas fechados, a tendência da entropia é aumentar, intensificando processos de desorganização e caotização. Para Land, a entropia constitui, portanto, a própria ontologia dinâmica do colapso. É nesse sentido que a trajetória de Tetsuo pode ser interpretada: em seu devir-ciborgue e no processo de autoaprimoramento maquínico que o atravessa, o personagem se vê progressivamente capturado por um circuito entrópico fechado, como se fosse arrastado para o interior de um olho do ciclone, acelerando sua própria dissolução diante da expansão da entropia maquínica.

Segundo o diagnóstico landiano, há uma discrepância central entre a aceleração dos processos produtivos do capitalismo e o tempo de absorção-adaptação humana frente ao boom informacional e tecnológico. Isso quer dizer que a temporalidade desses fluxos tecno-econômicos se projeta de uma maneira muito mais acelerada do que é humanamente possível acompanhar sem entrarmos em um colapso instantâneo. Mas, para Land, esse colapso é iminente e inescapável. Dessa forma, mesmo que a agência humana tente intervir, regular, estabilizar e construir formas de estancar todo esse fluxo tecno-econômico acelerado, são só formas de retardar o que já está encaminhado; a tecnologia se desloca para um horizonte de futuro cada vez mais autônomo e menos dependente da agência humana. Land nomeia essa tendência de auto-regulação tecno-econômica por teleoplexia [*teleoplexy*], o que é,

.....

.....

basicamente, a mão invisível do mercado (conforme a Escola Austríaca) versão ciborgue e *cyberpunk*.

Enquanto Land argumenta por meio de um determinismo tecnológico com traços tecnofascistas⁴, Srnicek e Williams afirmam que o diagnóstico de Nick Land *confunde velocidade com aceleração*, operando através da crença míope de que “de que a velocidade capitalista por si só poderia gerar uma transição global em direção a uma singularidade tecnológica sem paralelos” (2014, p. 271). Por essa via contrária ao determinismo landiano, os autores abrem novas possibilidades de futuro pós-capitalista frente à aceleração tecnológica ao argumentarem que

Podemos estar nos movendo rapidamente somente dentro de um enquadramento definido de parâmetros capitalistas que jamais oscilam. Experimentamos apenas a crescente velocidade de um horizonte local, uma simples arremetida descerebrada; ao invés de uma aceleração que também seja navegável, **um processo experimental de descoberta dentro de um espaço universal de possibilidades**. É este último modo de aceleração que tomamos por essencial (Srnicek; Williams, 2014, p. 271, grifos nossos).

Com esse deslocamento teórico e desvio estratégico em relação ao determinismo landiano, abre-se um campo analítico distinto para interpretar processos de transformação tecnológica. É a partir dessa inflexão que retornamos a Akira. Em sua trajetória, Tetsuo Shima mostra-se incapaz de controlar plenamente seus poderes, tampouco de compreender ou transformar sozinho sua condição híbrida. Resta-lhe, sobretudo, a repetição de padrões sociais e afetivos já internalizados: o gesto do marginalizado que, diante da súbita aquisição de um poder extraordinário, busca apropriar-se de uma agência que antes lhe havia sido sistematicamente negada.

⁴ O uso de aqui “traços” é apenas um eufemismo para o que ele realmente propõe, que culmina na ampla difusão de seu Iluminismo Sombrio [*Dark Enlightenment*, 2012], absorvido por setores que vão desde garotos adolescentes ressentidos com minorias sociais e abertamente nazistas (*incels* e suas infames variações), o conglomerado neorreacionário (NRx) – no qual ele é amplamente referenciado como uma das principais influências – à magnatas do Vale do Silício e o movimento MAGA, que alicerça a política fascista de Donald Trump e companhia.

.....

Expõe Althusser (2015) o seguinte:

Quanto ao humanismo socialista, pode-se considerá-lo não só como a crítica das contradições, mas também e sobretudo como a realização das aspirações "mais nobres" do humanismo burguês. Nele, a humanidade teria enfim realizado seu sonho milenar, representado nos esboços dos humanismos passados, cristãos e burgueses: que no homem e entre os homens chegue enfim o reino do Homem.

Ao deslocar aquilo que é demasiadamente humano de uma posição de protagonismo ativo – seja nas tentativas de Tetsuo Shima de impor sua própria vontade, seja nos esquemas e esforços de controle conduzidos pelo Coronel Shikishima, responsável pelos experimentos voltados ao despertar de potencialidades análogas às de Akira – a narrativa evidencia a incapacidade dessas figuras de navegar plenamente pelo mundo que emerge após 1982, ano em que tem início a Terceira Guerra Mundial desencadeada pela manifestação do poder de Akira (e também o ano de lançamento da obra em mangá). Contudo, tal constatação não implica, per se, uma derrota ou uma fuga diante da remodelação do mundo e da história. Antes, abre-se a possibilidade de pensar uma reconstrução dialética que envolve não apenas aquilo que entendemos por humano – isto é, um sujeito atravessado por processos dos quais é antes efeito do que origem –, mas também aquilo que lhe é exterior: os próprios processos impessoais que operam sem sujeitos.

Assim, tendo em vista o humanismo, o antropólogo francês Bruno Latour (1947–2022) aponta que “[...] a modernidade é definida através do humanismo, seja para saudar o nascimento do homem, seja para anunciar a sua morte. Mas esse próprio hábito é moderno, uma vez que este continua sendo assimétrico.” (2009, p. 19). Dessa forma, híbrido e sem lugar no mundo compartimentado de Neo-Tóquio, Tetsuo Shima emerge como uma singularidade moldada por seu devir: nem

.....

.....

plenamente humano, nem pertencente a outro estado evolutivo como os espers e, por associação direta, Akira. Tetsuo não pertence – e talvez jamais tenha se sentido pertencente –, sendo impulsionado por um processo de desterritorialização de si e do mundo que habita, ainda que sua reterritorialização assuma contornos monstruosos. Contudo, mesmo que fracassado e atravessado por processos que se desenrolam às suas costas, não se trata aqui de simplesmente olhar para o monstruoso e descartá-lo, mas de reconhecer que é justamente nesses movimentos aberrantes que podem emergir possíveis linhas de fuga.

Como no mundo bifurcado de Neo-Tóquio, o moderno se funda em duas instâncias assimétricas: uma ruptura temporal que indica a separação entre o antigo e o novo (na obra, o pré e o pós-1981) e um combate entre vencedores e vencidos (Latour, 2009, p. 15). Essas instâncias designam práticas que, para permanecerem eficazes, devem permanecer distintas. “O primeiro conjunto cria, por ‘tradução’, misturas entre gêneros de seres completamente novos, híbridos de natureza e cultura. O segundo cria, por ‘purificação’, duas zonas ontológicas inteiramente distintas, a dos humanos de um lado, e a dos não-humanos de outro” (Latour, 2009, p. 16).

Em suma, a constituição humanista do moderno se dá por meio de uma separação em zonas mutuamente excludentes, mas dialeticamente complementares. Nas palavras de Latour (2009, p. 16), “Se jamais tivéssemos sido modernos, pelo menos não da forma como a crítica nos narra, as relações tormentosas que estabelecemos com outras naturezas-culturas teriam sido transformadas”. Também fatalmente modernos, a sociedade de Neo-Tóquio ainda perpetua esse padrão basilar que a reterritorializa após a destruição que a vinda de Akira causou. O híbrido que emerge nesse cenário se expande de maneira desordenada, criando zonas de intensidade que reconfiguram seu ser em contínua travessia.

.....

Tetsuo, em alguns momentos, se mostra incerto e inseguro, mas abandona a posição de rato de laboratório para mergulhar em sua própria experimentação esquizofrênica, acelerando esse processo ao limite. Ele deseja criar para si um Corpo sem Órgãos, um corpo que não seja mais submetido às normas e aos limites impostos. *Tetsuo quer ser ciborgue e o precursor do fim do mundo.*

2. A dissolução do humano e a emergência do ciborgue

“Agora eu me tornei a Morte, a destruidora de mundos”⁵
(Bhagavad Gita, capítulo XI)

Figura 1 - A transformação física de Tetsuo se inicia.



⁵ Para facilitar a relação da citação com o tema aqui proposto, optamos aqui pela interpretação de J. Robert Oppenheimer sobre essa passagem do Bhagavad Gita, no qual “Morte” é usada no lugar de “Tempo” (“Eu sou o tempo, o grande destruidor dos mundos, e vim aqui para destruir todas as pessoas”).

.....

Fonte: Acervo pessoal.

A monstruosidade de Tetsuo não aponta apenas para o fim: aponta para a urgência de imaginar outras formas de vida que seguem uma via contrária ao niilismo tecnofílico landiano. É por meio de uma articulação com Donna Haraway que o horizonte de possibilidades do devir-ciborgue de Tetsuo se expande e ganha novos contrastes, potências e condições de possibilidade para novos futuros. Enfim, a ironia harawayana se instaura. E em seu núcleo perpassado por contradições decorrentes da tentativa de separação entre o humano e o não humano, social e orgânico, natureza e ciência, é gestada a figura mitológica do ciborgue. Se hoje vivemos “[...] rodeados e penetrados por máquinas internas, máquinas infobiotécnicas [...]” (Berardi, 2019, p. 14), em que estágio de hibridismo nos encontramos, onde mais e mais híbridos se proliferam pelas rachaduras, pelas brechas e linhas de fuga do processo de segmentação binária, circular e linear⁶ da modernidade? Em que medida somos tocados por Tetsuo e seu devir? Em algum futuro possível, teremos o mesmo destino que o dele, simbólica ou materialmente? O ciborgue não é apenas o resultado monstruoso da falência do humanismo; ele é, em Haraway, uma estratégia material-coalizional para recompor o comum através de misturas impuras e alianças pós-identitárias.

Com os avanços tecnológicos do fim do século XX e da virada do milênio, as fronteiras entre a pureza e o hibridismo se derretem ainda mais, colocando em jogo a

⁶ “Somos segmentarizados binariamente, a partir de grandes oposições duais: as classes sociais, mas também os homens e as mulheres, os adultos e as crianças, etc. Somos segmentarizados circularmente, em círculos cada vez mais vastos, [...] Somos segmentarizados linearmente, numa linha reta, em linhas retas, onde cada segmento representa um episódio ou um "processo" [...]” (Deleuze; Guattari, 2012, p. 76-77).

.....

.....

bifurcação do pensamento moderno. Nesse sentido, *Jamais fomos modernos*, porque tal separação e segmentação, a priori, nunca ocorreu de fato. Não divididos e isolados, mas interconectados em redes, acoplados em agenciamentos, formando rizomas (Deleuze; Guattari, 2011). A máquina, a potência bélica, a velocidade e a violência, celebradas pelas vanguardas futuristas⁷, eram vistas como símbolos e motores da modernidade. No entanto, essas tecnologias ainda permaneciam exteriores ao humano, com fronteiras nítidas que separavam o maquinário pesado do orgânico, embora essa segmentação nunca tenha sido completamente rígida, mas adaptável. Como observa Haraway (2009, p. 41), as máquinas "[...] não eram o homem, um autor de si próprio, mas apenas uma caricatura daquele sonho reprodutivo masculinista".

No universo de Akira, o acoplamento entre Tetsuo e a tecnologia bruta que se funde com sua carne representa o rompimento definitivo dessa fronteira. Esse processo de fusão maquínica, no entanto, já vem sendo transgredido no mundo real, de maneira cada vez mais palpável, impulsionado pelos avanços tecnológicos e os movimentos políticos e sociais desterritorializantes das últimas décadas⁸. Hoje, mais do que nunca, a máquina se acopla ao humano e o modifica.

Para Berardi (2019), a máquina "é constituída por corpúsculos bioquímicos capazes de modificar o estado do organismo e do humor. A máquina se faz signo, relação, linguagem que modela seus falantes" (p. 15). A máquina, que antes se mantinha exterior ao humano, agora acopla e se infiltra por meio de processos físicos e cognitivos. Devido à impossibilidade de se escapar a ela, inaugura-se um novo espaço-tempo: de quimeras e híbridos de máquina e organismo; "somos, em suma,

⁷ Em especial, o futurismo italiano e o futurismo russo, bem como Berardi (2019) destaca.

⁸ Conforme Paraná e Medeiros nos explicam, "[...] tal tendência globalizante à aceleração, consubstanciada na economia de trabalho vivo e na expansão das fronteiras para acumulação e valorização de capital, apresenta-se no "curto-prazismo" da dominância financeira e na crescente flexibilização da produção" (2017, p. 233).

.....

.....

ciborgues” (Haraway, 2009, p. 37). Não se trata mais de uma interconexão entre os seres distintos; trata-se de uma assimilação mútua e contínua entre organismos antes separados, agora fundidos em uma relação simbiótica. Não mais o mesmo: algo novo. *Devir-ciborgue?*

O ciborgue, nesse sentido, pode ser interpretado como o estágio final de uma mutação híbrida, erguendo-se das ruínas de uma modernidade contraditória como uma entidade onipresente. Como descreve Haraway (2009, p. 39–40),

O ciborgue não reconheceria o Jardim do Éden; ele não é feito de barro e não pode sonhar em retornar ao pó. É talvez por isso que quero ver se os ciborgues podem subverter o apocalipse do retorno ao pó nuclear que caracteriza a compulsão maníaca para encontrar um Inimigo. Os ciborgues não são reverentes; eles não conservam qualquer memória do cosmo: por isso, não pensam em recompô-lo.

Na narrativa, esse processo híbrido de travessia é acelerado até seu próprio limite. Tetsuo busca Akira, e, no encontro de intensidades produtivas e de anti-produção, “*algo como o Big Bang acontece*” quando Akira responde ao seu chamado. Inicia-se então a destruição de um mundo, ao mesmo tempo em que se vislumbra a criação de um novo horizonte, num movimento contínuo de desterritorialização-reterritorialização (Deleuze; Guattari, 2011), através de uma explosão que semelhante àquela que desencadeou todos os eventos da trama.

Figura 2 - Uma segunda explosão iniciada por Akira, a partir do que Tetsuo se tornou.



Fonte: Acervo pessoal.

“Com o ciborgue, a natureza e a cultura são reestruturadas: uma não pode mais ser o objeto de apropriação ou de incorporação pela outra” (Haraway, 2009, p. 39). Se a modernidade é definida por uma bifurcação entre o humano e os não-humanos, nos encontramos diante de um paradoxo que revela uma hipótese experimental: a modernidade é falha. E é por meio dessa falha que os seres híbridos gerados por ela encontram a possibilidade de se levantarem, incontroláveis, para derrubá-la e desterritorializá-la, bagunçando suas codificações-tronco. Seriam os híbridos protótipos de um ciborgue que se levantará, como Tetsuo em seus momentos finais, para derrubar a ordem vigente como um telos apocalíptico (Haraway, 2009, p. 38)? Nesse sentido, “saber o que os ciborgues serão é uma questão radical; respondê-la é uma questão de sobrevivência” (Haraway, 2009, p. 43).

No artigo *Spinoza, k-punk, neuropunk* (2004), Mark Fisher expõe que o devir de Tetsuo em muito se assemelha aos interesses spinozistas, ou seja, se livrar do que nos faz humanos. Afinal, ser humano é estar à mercê de uma máquina cujos interesses não se alinham aos nossos. Não somos programados biologicamente para conseguir nos afastar, naturalmente, dessas falhas. Tais falhas incluem não só o mito do humanismo, mas também a capacidade inerente ao humano de produzir sua própria miséria e se envenenar naquilo que parece bom, algo que Tetsuo também experimentou. Ainda que ele não tenha sido capaz de escapar plenamente do *Sistema*

.....

.....

Operacional Humano (SO), conforme Fisher apelida, isso não quer dizer que sua experimentação tenha sido um completo fracasso. A abertura persiste, o ciborgue ainda não chegou ao seu pleno potencial.

Se para Berardi (2019, p. 17), o futuro “[...] são os espaços que não conhecemos ainda e que precisamos descobrir, explorar”: **a quem interessa o(s) futuro(s) do ciborgue?**

3. Hiperstição enquanto vírus, infecção e o acerto de contas com o humano

“Em breve, a Terra não suportará mais vida biológica [...] Sua espécie deixará de existir. Isso não é uma ameaça, mas um ciclo inevitável que já começou” (Ultron, *Mighty Avengers*, v. 14, 2007)

A hiperstição pós-humanista pode ser entendida, assim como a filosofia e antropologia pós-estrutural, como uma oposição às repartições binárias que territorializam corpos e desacoplam seres, confinando-os em categorias fixas e os aprisionando em “narrativas de origem”⁹ (Haraway, 2009) que fundamentam o pensamento moderno. Nick Land (2009) expõe de forma sucinta o que seria uma hiperstição:

Hiperstição¹⁰ é um circuito de retroalimentação positiva que inclui a cultura como um componente. Pode ser definida como a ciência experimental (tecnó) das profecias autorrealizáveis. Superstições são apenas crenças falsas, mas hiperstições –

⁹ Isto é, construções culturais que servem para naturalizar determinadas ideologias, como o patriarcado e o essencialismo biológico.

¹⁰ A hiperstição, conceito desenvolvido pelo CCRU (Cybernetic Culture Research Unit), descreve situações em que ficções ou especulações sobre o futuro moldam o comportamento de indivíduos e sociedades, tornando-as profecias autorrealizáveis.

.....

.....

apenas por existirem como ideias – funcionam de forma causal para criar a própria realidade que anunciam. A economia capitalista é extremamente sensível à hiperstição, onde a confiança atua como um tônico eficaz, e o inverso também é verdadeiro. A ideia (ficcional) do Ciberespaço contribuiu para o influxo de investimentos que rapidamente o transformou em uma realidade tecno-social.

Dessa forma, a hiperstição ocorre quando uma ideia começa a ser levada a sério e, por meio dos agentes "infectados" por ela, consegue se manifestar na realidade. Isso é particularmente evidente em exemplos como livros de ficção científica que, ao especularem sobre a internet, tecnologias avançadas, paraísos artificiais e corridas armamentistas, inspiraram seus leitores a transformar tais conceitos em realidade. Uma mentira que, repetida mil vezes, se tornou verdade. O escritor William Burroughs (1917–1997), ao falar sobre a linguagem em *The Ticket That Exploded* (2010), resumiu bem: *a hiperstição, assim como a linguagem, nada mais é do que um vírus*. Ou, conforme explica Keith Aoki (1999):

O poder mercurial e terrível da linguagem a torna uma ameaça. Para se replicar, os vírus se conectam ao DNA vivo. Vírus são programas, ativando-se enquanto o DNA do organismo hospedeiro perde a capacidade de distinguir o que é 'eu' e o que é 'outro'. Como um vírus, a linguagem é um padrão de informação não vivo, uma configuração de significado que se conecta à consciência, um programa aguardando para ser executado, alterando tanto a consciência que infecta quanto transformando sua própria estrutura ao se replicar. Não há defesa contra o vírus da linguagem, exceto talvez a morte. Anterior a nós, o vírus da linguagem continuará infectando outras consciências muito depois de sermos pó. A linguagem é uma ameaça – é um vazio que, quando você olha para ele, olha de volta para você, muda você, muda o seu mundo – é o verme não vivo que voa. A linguagem é um vírus [Tradução nossa].

Contudo, é importante destacar que este efeito – ou este vírus – não é estranho à própria fórmula mágica do capitalismo, principalmente na sua forma

.....

.....

financeira/especulativa. O que foi o evento das ações da *GameStop*¹¹ se não uma profecia que se auto realizou devido a ação daqueles capturados por ela? Combatendo a falência, dada como certa dado os prognósticos apresentados e alimentado pelo investimento “*short squeeze*”¹² realizados por uma grande firma de fundos de cobertura, que davam a plena confiança na diminuição das ações, um grupo de pequenos investidores, acreditando plenamente no “valor” da loja, conseguiu causar um choque ao sistema financeiro. Este é um dos exemplos reais da hiperstição trabalhando e sua aplicação concreta a sistemas tidos como “racionais”, a potencialidade latente de algo demonstrando, através da pura força bruta, a capacidade de alteração radical. Algo é certo, até deixar de ser. Portanto, se antes a ideia do ciborgue era algo que corria pelo subterrâneo, restrito a revistas *pulps*¹³ e a ficção científica, vai se tornando aos poucos portador e o gestor do futuro, a hiperstição vai fazendo esse abismo olhar de volta.

Em *Machinic Desire* (2011), Land abre o texto expondo como os replicantes (equivalentes aos ciborgues) são frutos da tecnologia humana, mas escapam do controle de seus criadores. Mais do que isso, eles representam uma ameaça existencial ao se infiltrar nos sistemas de controle humano, como a família e o

¹¹ O evento das ações da *GameStop*, que aconteceu em março de 2021, uma rede de lojas de mídias voltada para videogames e afins, que caiu em desgraça devido a ampliação da aquisição de tais mídias por formas virtuais, tal como aconteceu com locadoras de filmes devido ao *streaming*, contudo, o apelo sentimental a uma geração de frequentadores da loja misturado a uma revolta pós-2008 com o mercado especulativo, mais especificamente *hedge funds* especulando na queda de ações (e sua consequência, a falência das empresas), fizeram com que vários pequenos investidores adquirissem ações da *GameStop*, causando um aumento destas. chegando a valer US\$ 1,3 bilhão. Os investidores rebeldes se organizaram através de um subfórum do *Reddit* nomeado *wallstreetbets*.

¹² Termo utilizado no mercado financeiro para movimentações acreditando que o valor de uma ação específica, ao invés de aumentar, irá diminuir. Um exemplo ilustrativo: Ao comprar uma ação, acreditando que esta tende a diminuir, os resultados podem ser tanto a real desvalorização da ação, neste caso, o investidor terá o lucro equivalente à queda, mas caso haja uma valorização da ação, o prejuízo também é equivalente a valorização da ação.

¹³ As revistas *pulps*, chamadas assim devido a baixa qualidade do papel utilizado feito da polpa de celulose, eram consideradas revistas de entretenimento barato. Autores conhecidos dessas revistas vão desde Isaac Asimov, Raymond Chandler, Phillip K. Dick e até F. Scott Fitzgerald.

.....

indivíduo, desestabilizando-os, forçando a criação de novas formas de defesa, como os tais “PODS”¹⁴ (Land, 2011, p. 319–320). O prognóstico, conforme *Meltdown* (2011) aponta, é que nada humano escapa no futuro próximo, mas tem espaço para “uma transexual esquizofrênica HIV+ chinesa-latina viciada em estímulos, prostituta em Los Angeles com óculos escuros implantados e uma má atitude” (Land, 2011, p. 456).

Em sua hiperstição do derretimento, Land profetiza o derretimento da humanidade diante de uma aceleração tecnológica descontrolada, sendo uma de suas consequências a reprogramação do comportamento humano por conta das demandas tecnológicas cada vez mais intensas. Nesse sentido, mais do que nunca e acelerado à dissolução inevitável, “tudo que é sólido desmancha no ar” de Marx pode ser adaptado às circunstâncias como “tudo que é sólido se derrete em circuitos informacionais e hiperfetichistas”. Guiados sob uma constante pulsão de morte elevada ao extremo, não há como escapar. O Capital opera pela “axiomática da desterritorialização” (Deleuze; Guattari, 2011). A desterritorialização é inevitável. *Ela vai dissolver você*.

Em uma via oposta da hiperstição landiana, Haraway concebe a ideia de que é o ciborgue que colocará em jogo a dicotomia moderna entre o orgânico e o tecnológico, concebendo na figura do ciborgue instâncias emancipatórias e pós-identitárias que se opõem a pureza ontológica e os mitos de origem. Nesse sentido, não é negar a máquina e se colocar contra os avanços tecnológicos, mas sim assimilar-se a ela em uma retomada, redirecionando esse poder em vias emancipatórias na criação de novas sensibilidades. Haraway nos convida a enxergar para além do colapso e para além da oposição moderna humano-máquina. A partir disso, para a recuperação do

¹⁴ *Politically Organized Defensive Systems* ou, numa tradução livre, Sistemas de Defesa Politicamente Organizados.

.....

.....

futuro cancelado pelo neoliberalismo no realismo capitalista (Fisher, 2020), é necessário começarmos a pensar em como podemos nos relacionar com as inteligências em devir e, sobretudo, o que podemos aprender com elas para evitar o colapso, tecendo futuros para além da dissolução que Tetsuo experienciou.

Considerações finais: Refazendo o(s) futuro(s): o ciborgue como porta-voz de um mundo em necessidade de transconfiguração

“Não se pode entender um processo interrompendo-o. O entendimento precisa acompanhar o fluxo do processo, tem de se juntar a ele e fluir com ele” (Duna, 2017).

O futuro do passado chegou, e com ele, a estagnação. A clássica formulação de Gramsci (2012, p. 187) permanece válida e em vigência: “o velho morre e o novo não pode nascer; neste interregno, verificam-se os fenômenos patológicos mais variados.” Não só o futuro acabou, mas o mundo todo se esvai em um suspiro. Fisher (2020, p. 10–11) também entende isso e postula:

O mundo não termina com uma explosão, ele vai se apagando, se desfazendo, desmoronando lentamente. Quem causou a catástrofe por vir? Não se sabe. Sua causa está distante, em algum lugar do passado, tão desconectada do presente que parece o capricho de algum ser maligno: uma maldição que penitência alguma é capaz de afastar. Tal praga só poderia ser encerrada por uma intervenção externa, tão imprevisível quanto a maldição que a iniciou. Qualquer ação é inútil; só a esperança sem sentido faz sentido. Superstição e religião, os primeiros abrigos dos desesperados, se proliferam.

.....

Neste prolongado suspiro, Tetsuo Shima não é apenas produto dessa catástrofe morosa, mas também reação, resposta e fracasso. A tese fukuyamista¹⁵ do fim da história parece ser aceita por ele; essa negação conflituosa de alternativas, contudo, não impede que ele exerça uma forma inconsciente de rebelião — uma resistência que emerge da necessidade de criar para si um CsO, a fim de dar cabo do seu próprio fim do mundo. Um fim do mundo, portanto, para um mundo estagnado.

O ciborgue não se reduz a um modelo de existência, nem à mera potencialidade latente de autoconstrução. É um projeto político por excelência, no qual a reinvenção do indivíduo exige – e simultaneamente provoca – a transformação radical do coletivo. Esse processo dialético implica desmontar estruturas globais, assim como a reconfiguração do mundo demanda corpos dispostos a desestabilizar suas próprias fronteiras. Tetsuo, fruto de um futuro abortado pela estagnação gramsciana-fisheriana, encarna essa tensão. Em sua rebelião esquizofrênica – ao se despedaçar e reerguer como híbrido –, ele desafia a ordem vigente de um mundo fragmentado e expõe a urgência de uma transfiguração sistêmica. Sua queda é um espelho: o mundo que o produziu só sobreviverá se for capaz de desintegrar-se para renascer, rompendo com as lógicas que condenaram tanto o humano quanto o ciborgue ao mesmo ciclo de violência e controle. Reviver o passado, restaurar o futuro enquanto campo aberto e em disputa.

Isso não quer dizer se tratar de um processo limpo, bonito ou sequer ético. Deleuze e Guattari pedem pela prudência ao se desarticular um organismo (2012, p. 45), essa é a linha que o protagonista de *Akira* não é capaz de seguir, eis aqui parte do

¹⁵ Aqui se trata da tese do “fim da história” professado por Francis Fukuyama em *O Fim da História e o Último Homem* (1992) onde, no êxtase da dissolução da União Soviética, o autor reafirma a democracia liberal capitalista como o fim do conflito em decorrência de uma evolução ideológica última.

.....

.....

fracasso. Na monstruosidade de Tetsuo encontra-se uma possibilidade não acabada, não completamente esgotada, mas exige ser repensada e remodelada.

Como fazer para que a decodificação e a desterritorialização, constitutivas do sistema, não o façam fugir por um ou outro dos seus cantos, escapando à axiomática e enlouquecendo a máquina [...] Oscila-se entre as sobrecargas paranoicas reacionárias e as cargas subterrâneas, esquizofrênicas e revolucionárias. [...] **Como isso vira fascista ou revolucionário?** (Deleuze; Guattari, 2011, p. 346, grifos nossos).

Reapropriar a tecnologia, fazer o ser ciborgue não é também um processo individual, parte também da derrota de Tetsuo. Para regular a entropia e o colapso completo, o ciborgue também demanda coletivo, escapando do circuito termodinâmico caótico e fechado em si ao buscar sua expansão e emancipação sob a intensidade = 0¹⁶ que corre em fluxos no ovo intensivo do Corpo sem Órgãos. *Um só ou vários ciborgues?* O ser ciborgue só encontra sua continuação em outros ciborgues.

Nas últimas páginas da obra, a dissolução corporal de Tetsuo Shima coloca em crise a imagem do sujeito como centro estável da ação histórica. O corpo mutante deixa de corresponder à forma humana reconhecível e passa a se expandir segundo uma lógica maquínica que escapa ao controle individual. Essa transformação coloca em evidência a tese segundo a qual aquilo que se chama de humano emerge de processos técnicos, sociais e materiais que o precedem. Nesse horizonte, a figura do ciborgue formulada por Donna Haraway permite compreender a condição híbrida que atravessa a narrativa de Akira. A fronteira entre organismo e máquina perde nitidez e o sujeito aparece como resultado provisório de acoplamentos entre corpo, técnica e poder. A mutação de Tetsuo torna visível esse regime de hibridização ao expor um corpo atravessado por forças que reorganizam sua forma e sua agência.

¹⁶ “O CsO não preexiste; ele se constrói sobre essa intensidade = 0, sempre como limite imanente de todos os estratos” (Deleuze; Guattari, 2012, p. 30).

.....

Neo-Tóquio surge então como espaço no qual a ordem moderna do humano se desfaz e onde novas configurações de existência passam a emergir a partir das próprias ruínas do projeto humanista.

Finalmente, Akira questiona: *como seria possível escapar do futuro-sem-futuro?* A resposta começa pelo encerramento do humano como condição ontológica, na ousadia de abraçar a indeterminação do devir e na construção de narrativas que, como a hiperstição, transformem profecias de destruição em sementes de futuros alternativos. Exige coragem para não só se declarar como “jamais moderno”, mas declarar que jamais fomos sequer humanos – e é nesse reconhecimento que reside a possibilidade de devolver ao futuro o seus dentes.

Referências

AOKI, Keith. Introduction: Language is a virus. *University of Miami Law Review*, Miami, v. 53, n. 4, p. 961-979, 1999. Disponível em: <https://repository.law.miami.edu/umlr/vol53/iss4/21>. Acesso em: 17 nov. 2024

ALTHUSSER, Louis. *Por Marx*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

BERARDI, Franco. *Depois do futuro*. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

BURROUGHS, William S. *The ticket that exploded*. London: Fourth Estate, 2010.

COSTA, Klinsman Elias da. *Akira: a semiótica biopolítica no mangá de Katsuhiro Otomo*. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Literários) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/13867>. Acesso em: 15 mar. 2026.

.....

Maciel, L; Arrais, A. *Akira: hibridismo do humano e o retorno do ciborgue*.

.....
DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 3. São Paulo: Editora 34, 2012.

FISHER, Mark. Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FISHER, Mark. Spinoza, k-punk, neuropunk. k-punk, 13 ago. 2004. Disponível em: <http://k-punk.abstractdynamics.org/archives/003875.html>. Acesso em: 15 nov. 2024.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere. v. 3. Notas sobre Maquiavel, sobre a política e sobre o Estado moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna. Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HUI, Yuk. The question concerning technology in China: an essay in cosmotechnics. Falmouth: Urbanomic, 2016.

LAND, Nick. Fanged noumena: collected writings 1987-2007. Falmouth; New York: Urbanomic; Sequence Press, 2011.

LAND, Nick. Teleoplexia: notas sobre aceleração. Tradução de Clarice Pelotas. Medium, 27 mar. 2024. Disponível em: <https://medium.com/@claricepelotas/teleoplexia-notas-sobre-acelera%C3%A7%C3%A3o-nick-land-2014-e659b6030dae>. Acesso em: 12 nov. 2025.

LATOUR, Bruno. Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica. São Paulo: Editora 34, 2009.

OTOMO, Katsuhiko. Akira. v. 1-6. Barueri: JBC, 2017-2018.

PARANÁ, Edemilson; MEDEIROS, M. F. S. Vida programada: o imbricamento ser humano-máquina e a ideologia da técnica no capitalismo contemporâneo. Revista

.....
Maciel, L; Arrais, A. Akira: hibridismo do humano e o retorno do ciborgue.

.....

Contemporânea, São Carlos, v. 7, n. 1, 2017. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/523>. Acesso em: 16 jun. 2022.

PELOTAS RIOS, Clarice. Encarnando o ciclone: Nick Land e a perspectiva do tecnocapital (= IA). *Das Questões*, Brasília, v. 20, n. 1, 2025. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/58104>. Acesso em: 25 nov. 2025.

SAMPEDRO, Francisco. Louis Althusser. Marília: Lutas Anticapital, 2023.

SRNICEK, Nick; WILLIAMS, Alex. Manifesto acelerar: por uma política aceleracionista. *Lugar Comum*, Rio de Janeiro, n. 41, p. 269-279, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/view/50653>. Acesso em: 20 out. 2024.

OTOMO, Katsuhiko (dir.). *Akira*. Tóquio: Tokyo Movie Shinsha, 1988. Filme de animação.